

A MEDICINA HIPOCRÁTICA NO DIÁRIO ÍNTIMO DE JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES (1880-1887)

Patrícia Simone de Araujo¹

O desnudamento das técnicas de tratamento e manutenção corporal empregadas por indivíduos dos séculos passados é um estudo importante por ser uma das numerosas vias de acesso para entender como se processa as formas de organização e estruturação de uma sociedade. O estudo do comportamento individual, de técnicas cotidianas usadas no emprego dos “cuidados de si” realizadas no seio da intimidade podem revelar mais do que apenas uma prática isolada, podem mostrar códigos – maneiras de agir, de pensar e de sentir – amalgamados dentro de uma coletividade. Assim, a conformação ou desvio das normas coletivamente estabelecidas – principalmente no tocante ao ponto essencial no estudo empreendido aqui, a manutenção corporal, - são inexoravelmente mensagens significantes, e por isso mesmo objeto legítimo de pesquisa, por serem capazes de expressar a natureza do sistema social.

No período em questão nota-se a coexistência, o entrelaçamento e a combinação de uma variedade de crenças e convicções que determinam práticas de manutenção corporal. Nesse sentido, tornar-se pertinente o estudo do diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães² em que é possível observar em seus escritos um intenso diálogo com as teorias e concepções médicas que vigoravam em sua época. Desse diálogo podemos perceber diante da variedade de leituras realizadas por Couto - entre tratados gregos e latinos - a predominância de uma doutrina de tratamento corporal baseada na teoria hipocrática que perdurou durante longo tempo, desde a Antiguidade.

O estudo das práticas de manutenção corporal realizadas no século XIX permite-nos perceber que a medicina hipocrática ainda continuava viva, mesmo entre os médicos, ou seja, as “práticas de cura” da teoria hipocrática não eram realizadas isoladamente por José Vieira, e sim, por uma sociedade que estava preocupada excessivamente com a aparência não só física, mas também moral e social, em que a premissa maior encontrava-se na domesticação e

¹ Mestranda pelo Programa de pós-graduação da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), bolsista reuni.

² José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898) natural da província de Minas Gerais foi um típico político do século XIX. Couto de Magalhães formou-se em Direito, foi presidente das províncias Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Considerado herói da Guerra do Paraguai, foi brigadeiro honorário do Exército por seu vitorioso comando na tomada de Corumbá. Já no final de sua vida tornou-se presidente do Clube dos Oficiais Honorários do Exército. Escritor fecundo, político influente, Couto de Magalhães foi igualmente bem sucedido homem de negócios, diretor do banco de São Paulo, fundador de empresas de transporte fluvial e ferroviário. Couto fundou também o Colégio de Línguas Princesa Imperial Dona Isabel, voltado para a educação de crianças indígenas. Montou às margens do rio Tietê um observatório astronômico (mais tarde doado à Universidade de São Paulo).

polidez dos hábitos realizada graças a um cuidado excessivo com as atividades corporais e com controle das pulsões.

No século XIX é possível perceber a força da teoria hipocrática que floresceu ainda na Grécia Antiga em meados dos séculos IV e V. A medicina hipocrática tinha como figura de referência Hipócrates (considerado pai da medicina) que foi indubitavelmente um dos mestres mais importantes da Escola médica de Cós como alegam os textos de Platão e Aristóteles, que o apreciam como exemplo do grande médico e a própria personificação da medicina. Foi considerado o autor de um dos maiores manuais medicinais da Antiguidade, o *Corpus Hippocraticum*, embora dados de pesquisa científica já tenham corroborado não ser plausível conferir a autoria de todos os textos a um só indivíduo (CARVALHO, 2002).

Um dos pontos essenciais na escola hipocrática era a idéia de *medida*. Esta significa a harmonia, o equilíbrio de todos os elementos que compõem um organismo em um estado de “bem-estar”. O corpo na teoria hipocrática como esclarece SANT’ANNA (2001), assemelha-se a natureza, é como se o corpo fosse um microcosmo no seio do macrocosmo, ou da natureza. E como nesta, o corpo estaria em estado de equilíbrio, caso esse equilíbrio fosse desestabilizado conseqüentemente seria um alvo propício para a instalação de males doentios. Era preciso então, ajudar o corpo, esse microcosmo, a repor a ordem perdida. Reinava-se assim, o princípio de isonomia em que a saúde consistia no equilíbrio entre os elementos fundamentais de um organismo e da natureza no seu conjunto.

Ao referir-se a idéia de moderação como modo de vida para a garantia de um corpo saudável, a teoria hipocrática, estava aludindo à questão do equilíbrio dos “humores básicos”: sangue, pituíta (ou fleuma ou catarro), bile amarela e bile negra (ou atrabile, ou melancolia). Cada um dos destes humores possuíam “um centro regulador da sua dinâmica e para ele era atraído: o sangue, para o coração, a pituíta, para a cabeça; a bile, para o fígado; e a atrabile, para o baço” (LIMA, 1996, p. 47). Enquanto os humores estiverem equilibrados, os males doentios estariam afastados do corpo do indivíduo. O desequilíbrio do microcosmo por causa da falta ou o excesso dos humores levaria o organismo a ativar um mecanismo de proteção por uma faculdade expulsora, que certificava a eliminação do humor excedente.

No século II da era Cristã, Galeno “aprimorou” a teoria hipocrática, conferindo um maior dinamismo aos humores ao formular a “teoria dos temperamentos”. Na obra *De temperamentis* relacionava a mistura dos humores ao caráter do indivíduo. Os traços psicológicos na doutrina dos temperamentos eram mais importantes do que a fisiologia, em que a compleição humoral seria derivada das “faculdades da alma”. Assim, os seres humanos enquadrar-se-iam basicamente em quatro temperamentos que foram adotados pela medicina

ocidental durante os vários séculos que se seguiram e que estão enumeramos a seguir: temperamento sangüíneo (onde há predominância do sangue), temperamento bilioso ou colérico (onde ocorre a predominância da bÍlis amarela), temperamento melancólico (onde há predominância da bÍlis negra) e o temperamento fleumático (onde ocorre a predominância do muco ou fleuma).

A ação de quatro forças naturais condicionaria os humores, são elas: atrativa, retentiva, alterativa e expulsiva, concentrando nesta última o poder de cura da *physis*. Caso o organismo não realizasse a descarga dos excessos dos humores que estariam causando a doença, através de diarréias, vômitos, sudoreses, hemorragias e outros, então era necessário, provocar a descarga desses humores através do uso de alguns recursos como: purgantes, sangrias, eméticos, evacuantes (para a bile amarela e negra). A descargas dos humores eram realizadas por meio de diversos orifícios do corpo, não restringindo-se somente a cavidade anal, incluía também as cavidades bucal, nasal, vaginal, além de orifícios de tamanhos menores, como a uretra e os poros.

Ao ler o diário íntimo de Couto de Magalhães temos a impressão principalmente nas páginas iniciais e com menor freqüência nas páginas subseqüentes que um dos principais intuits desse indivíduo ao redigir o seu relato íntimo é encontrar um ideal de felicidade, intrinsecamente ligado a questão do bom funcionamento das suas atividades corporais. Para conseguir atender esse intuito o general lia diversos autores latinos, franceses e também estudava algumas sociedades, como a Índia e suas religiões tentando visualizar como os preceitos apregoados por essas, poderiam contribuir a formular uma filosofia de vida que lhe garantisse encontrar o ideal de felicidade.

O corpo para Couto possuía um sentido que ultrapassava o aspecto meramente físico. O bom funcionamento das atividades corporais significava um meio essencial para alcançar a felicidade, que seria assegurada através de um estilo de vida que tivesse como principal característica um ideal de moderação. Para isto, ele realizava registros diariamente referentes à saúde e aos cuidados médicos e dietéticos capazes de assegurar um bom funcionamento de seus órgãos vitais. A busca por esse ideal de felicidade que traduzia-se na perfeita harmonia e equilíbrio das atividades corporais era conduzida e inspirada principalmente nos aforismos hipocráticos.

Couto de Magalhães diante de seu entusiasmo, e por que não dizer, muitas vezes, obsessivo cuidado com corpo, expandia seus estudos para além da teoria hipocrática, lia

diversos autores de sua época como Claude Bernard³ (1837- 1878), Armand Trousseau⁴ (1801-1867), Maximilien Paul Émile Littré⁵, enveredava também nas leituras de clássicos gregos e latinos, combinando as receitas de “extratos medicamentosos” retirados destes, com produtos provenientes das matas brasileiras, como a poaia. Havia assim, uma mescla de teorias e tratamentos medicamentosos como fontes de conhecimento profícuo nos cuidados que Couto mantinha com seu corpo.

O comportamento obsessivo que José Vieira mantinha com os cuidados corporais - no exame minucioso dos órgãos sexuais, das atividades de excreção e da eliminação dos fluidos corporais, no emprego de dietas, na preocupação com a alimentação, com os sonhos e com o clima e como estes influenciavam no funcionamento das atividades corporais – não era algo restrito a sua prática individual

No século XIX narrar-se tendo como pauta principal a questão da saúde, é um fato muito comum e até mesmo bastante recorrente nas correspondências desse período:

[...] o tema predominante na correspondência pessoal, no século XIX, foi a saúde – especialmente a saúde de quem escrevia, raramente perfeita e habitualmente comprometida por males que eram descritos com detalhes clínicos, em um tom realista que sugere resignação. Afinal, naquela época as doenças eram comuns, e os médicos, pouco eficientes (GAY, 1999, p. 354).

A autora Tânia Andrade Lima (1996) com o objetivo de analisar as práticas cotidianas, rotineiras e anônimas da sociedade carioca do século XIX - através do estudo dos lixos domésticos produzidos nesse período, periódicos (jornais, almanaques, revistas), relatos (correspondências, diários íntimos, inventários, grandes enciclopédias) bem como romances, contos e crônicas - chega à conclusão de que esses cuidados obsessivos com o corpo realizados principalmente sob os pilares da teoria hipocrática no período em questão era uma prática de “compulsão coletiva”, ou seja, caracterizava-se como um comportamento social.

O autor Oliver Faure (2001), ao analisar as correspondências e registros íntimos do século XVIII e XIX da sociedade europeia, também percebe o caráter dominante da representação humoral do corpo. No século XVIII, Faure observa a presença da teoria humoral na corte de portugueses que vão fazer sangrar regulamente e preventivamente, ou ainda nas denominações que dividem os indivíduos segundo temperamentos herdados da

³ Claude Bernard foi um fisiologista francês. Com a obra Introdução ao estudo da medicina experimental, definiu os princípios essenciais da pesquisa científica (MAGALHÃES, 1998).

⁴ Armand Trousseau, médico famoso no século XIX foi essencial na criação de novos modos de tratamento da garupa, enfisema, pleurisia, bócio e malária. Recebeu o prêmio da Academia Francesa de Medicina por seu ensaio clássico escrito em 1837 sobre laringologia. Professor de clínica médica do Hôtel-Dieu de Paris e autor de manuais de medicina constantemente reeditados ao longo das últimas décadas do século XIX.

⁵ Maximilien Paul Émile Littré (1801-1881) era discípulo de Comte. Foi Deputado e senador. Redigiu tratados médicos e traduziu clássicos gregos. No final de sua vida torna-se dissidente do positivismo e converte-se ao catolicismo.

visão humoral. Tais representações perduram, não sem associar-se às novas abordagens essencialmente anatômicas e fisiológicas. No século XIX a teoria humoral é incorporada de certa forma também ao novo discurso sobre o papel do ambiente e sua influência na manutenção da saúde.

A persistência do humorismo e seu uso freqüente nas práticas de manutenção corporal do século XIX pode encontrar explicação no descrédito que a população, principalmente na sociedade brasileira, tinha com os médicos da época. O próprio general não faz menção em nenhum momento de seu diário íntimo de ter tido qualquer tipo de consulta médica, mesmo estando em Londres, em que a medicina era considerada mais “avançada” em relação ao Brasil. Nesse sentido, ele pondera no dia 21 de agosto de 1881 que: “[...] a medicina está atrasada, e o melhor recurso que eu tenho é a minha própria observação e o proceder por tentativa” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p.86).

O pensamento do general expresso no fragmento acima vai ao encontro da teoria hipocrática, em que seus preceitos baseavam-se em uma prática mais empirista, no sentido de ser realizada por observações e tentativas, mas acima de tudo, era uma prática de cuidados feitos pelo próprio sujeito em relação a seu corpo, ou seja, sem uma intervenção médica.

Foucault coloca que a medicina hipocrática era uma “prática refletida de si e do seu corpo” (1984, p.134), em que cabia o próprio doente “receitar-se” o melhor tratamento para a cura da doença, fato este, que podemos perceber no pensamento expresso por Couto no dia 08 de agosto de 1880: “O melhor REGIME de dieta é aquele que o doente por própria experiência julga tal” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 177).

O “cuidar de si” em consonância com a natureza torna-se a questão primordial na teoria humoral, pois reflete o sentido da totalidade tão valorizado pela mesma. Couto demonstra no final de seu diário significativa admiração pela natureza, refletindo sobre a insignificância do homem perante o mundo natural, por isso, seria necessário tentar compreendê-lo, pois acreditava que era na natureza que encontrava-se a verdadeira sabedoria, pois tinha o esplendor do durável e do eterno, e por isso era o modelo legítimo de compreensão do mundo:

Se uma coisa grande o homem pode fazer neste mundo é desenvolver seu entendimento de modo a, compreendendo a marcha da natureza, entrar mais depressa no papel final que lhe está reservado por ela; fora disso o que ele faz ou o que faz pela humanidade, tudo insignificante pequeno, nulo, transitório, e como dizia Salomão – é pura e simplesmente vaidade.⁶

⁶ Idem: 242.

A natureza era vista como a mestra da vida, a única detentora dos meios capazes de assegurar a cura das doenças, ou seja, como afirma o texto de Hipócrates, que consta no livro sexto do tratado *Epidemias*: “[a] natureza é o médico das doenças. Ela própria encontra as vias e os meios, não através da inteligência, como os sinais, as palavras e outras ações desse gênero; a natureza, sem instrução e sem saber, faz o que convém” (HIPÓCRATES, 2002, p.72).

No parecer de Couto de Magalhães as descobertas da medicina de sua época não representaram uma mudança significativa na vida dos indivíduos principalmente no tocante ao aspecto de qualidade de vida, e por isso os “avanços” médicos eram vistos por Couto como inúteis, servindo apenas para prolongar a vida: “os recursos da medicina, inúteis, outrora, e ainda hoje inúteis a muitas nações, são apenas suficientes para levar alguns de nós às portas da velhice” (MAGALHÃES, 1998, p. 223).

O “cuidado de si” descritos por Couto de Magalhães em seu diário era basicamente realizado da seguinte forma: 1. leitura de diversos tratados medicamentosos; 2. observações do seu corpo a fim de identificar algum mal corporal; 3. descrição minuciosa das atividades corporais; 4. diagnóstico; 5. tratamento realizado por tentativas. Dessa última fase, por sua vez, derivava outras duas: se caso a aplicação da teoria medicamentosa - que provinha de suas inúmeras leituras de cuidados corporais - demonstrasse um resultado satisfatório, Couto continuava com o tratamento; mas caso não considerasse proveitoso o tratamento abandonava-o e partia para outro tipo de cuidado medicamentoso.⁷

O exercício de “examinar a si mesmo” não era tarefa fácil para Couto. Percebe-se no relato autobiográfico dessa personagem que a observação e o registro minucioso do funcionamento corporal delongavam horas extensas do seu tempo, tornando a atividade de registrar os “cuidados de si” uma obsessão, como pode ser visualizado na longa descrição feita por Couto a respeito das atividades corporais na data de 21 de agosto de 1880:

Notei de manhã as fezes, além de serem mais abundantes, nadavam melhor; urinas perfeitamente transparentes; língua má antes do jantar, o fastio; contudo, jantei sofrível, e não senti peso no estômago depois do jantar [...]. Continua ainda um pouco de diferença entre o lado direito e esquerdo, sendo o esquerdo o pior; resumo dos sinais para julgá-lo pior: sensibilidade mórbida da orelha; ponto preto no olho; supurenta pequena na gengiva; dor às vezes debaixo da espádua esquerda; atrofia leve ou comparativa do músculo da mama; nevralgias do lado da cabeça; parece que menor força no

⁷ Esses cuidados não eram realizados por Couto de Magalhães de forma ordenada e sucessiva. A observação do corpo era realizada muitas vezes simultaneamente com a leitura de tratados medicamentosos, sendo assim, essas fases misturavam-se. A forma explicativa exposta no texto é um somente uma tentativa didática de facilitar a visualização de como Couto realizava o seu cuidado corporal.

braço; diferença de secreção sudorífica desse lado, especialmente debaixo do braço; inflamação do prepúcio desse lado; disposição para inflamação dos gânglios inguinais; atrofia do lobo da coroa do pênis (quase insensível); sensação de frio no grande músculo que cobre a bacia, a phissa yliaca esquerda; varicocele dos canais deferentes no escroto desse lado; temperatura diversa dessa perna; hemorróidas e pequenas varizes do ânus desse lado; predisposição para furúnculos e tumores também desse lado. Pelo lado, porém, dos intestinos e vísceras o pior lado é o direito, as cólicas que tenho tido são todas do lado do hipocôndrio direito, assim como é desse lado que sinto os borborigmos e desordens quando têm lugar, as quais parece que têm sua sede no duodeno e no cólon ascendente. Nos sistemas do lado esquerdo cumpre mencionar igualmente as hemorragias da gengiva, que são sempre desse lado (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 85 e 86).

A observação dos regimes alimentares adotados por Couto de Magalhães é um fator primordial para a identificação da influência da teoria humoral na manutenção corporal realizada por essa personalidade:

08 de agosto de 1880

[...]

Regime

Não obstante: as sopas leves, gordas ou magras, as carnes brancas, peixe, os legumes não farinados, convém aos estômagos inflamados, quando não são contraindicados. Convém insistir nas bebidas fermentadas em pequena quantidade, vinho e algumas vezes cerveja com água; regularidade nas horas da comida, mastigação completa, AUSÊNCIA DE EXERCÍCIO COM O ESTÔMAGO CHEIO, exercícios moderados quando vazio, ou passado o primeiro exercício da digestão, que é de cerca de duas horas – são coisas mui importantes.

Hipócrates, aforismo 357, p. 159 – Devem preferir-se os alimentos e bebidas agradáveis, ainda que menos sãs, a outras melhores porém não tão agradáveis aos enfermos.⁸

A alimentação de Couto era orientada para atingir um objetivo principal: a eliminação dos maus humores que estavam provocando o desequilíbrio do funcionamento corporal, no sentido de alcançar o tão sonhado ideal de moderação e equilíbrio, não só do corpo, mas também do espírito.

A eliminação dos humores que estavam afetando o equilíbrio corporal era feita por Couto principalmente através de vomitórios e purgativos⁹. Couto de Magalhães acreditava que o uso desses recursos, em vez de abatê-lo, restabelecia-lhe a força e o ânimo, devido à eliminação dos excessos de humores que estavam provocando a desarmonia corporal: “Não me parece que purgante e vomitório me tenham abatido, pois sinto-me forte às vinte para a uma”¹⁰.

A importância da utilização desses recursos, de acordo com Hipócrates, é por que eles tinham por função estimular a força vital. Baseado em uma terapêutica a teoria hipocrática focada na dor, uso de purgativos, vomitórios e outros, eram estimados por provocam

⁸ Idem: 177, **grifos meus**.

⁹ Os produtos considerados e/ou usados comumente por Couto de Magalhães como purgativos são: Calomelano, *Hydragryrum cum Creta* e *Blue pill*.

¹⁰ Idem: 80 e 81.

artificialmente uma dor maior do que a sofrida pelo doente, a fim de obscurecê-la, forçando o organismo a restabelecer a ordem perdida, e dessa forma, estimulando as funções vitais.

Todavia, não bastava expulsar o que estava causando o mal, era preciso registrar a cor, o aspecto, a densidade e a quantidade do eliminado (fezes, urina, catarro, etc), para daí tirar conclusões do que ocasionou a moléstia. Dependendo, por exemplo, da quantidade, da consistência e cor das fezes, baseado nos aforismos de Hipócrates, acreditava Couto que poderia identificar algum mal: **Domingo de manhã – 22 de agosto de 1881.** [...] “As fezes de hoje foram escassas, mais duras e mescladas de grumos amarelo-escuros com massa mais branquicenta; Hipócrates as descreve como más”.¹¹

A identificação dos males tornava-se uma questão importante para Couto de Magalhães, pois o ajudaria a precaver-se contra uma doença futura. Além da observação e descrição dos humores eliminados, Couto considerava necessário analisar a sensação corporal resultante do tratamento empreendido, a fim de encontrar uma dieta que pudesse lhe garantir o perfeito funcionamento das atividades corporais:

Dois fenômenos são dignos de nota: a variação da densidade da urina, cuja densidade variou na razão, descendente de 16 para 0 (vide diário clínico), e o desaparecimento da sensação do braço [...] um outro fenômeno muito curioso, o ataque nervoso foi precedido imediatamente de curiosas alterações nas evacuações alvinas: 1ª cor avermelhada, 2ª evacuações não flutuantes e mais brancas do que o ordinário; saúde – evacuações flutuantes e mais escuras. Há entre os fenômenos alguma relação de causa e efeito. Parece que sim¹².

Caso o tratamento corporal não surtisse o efeito esperado era necessário então corrigi-lo, ou mesmo mudá-lo, na finalidade não só de curar a doença, mas também de preveni-la:

Particularizando os pontos de saúde que eu desejo corrigir, são 1º a digestão: presume-se que um sangue forte e bem elaborado traz como consequência a robustez do sistema nervoso, e portanto a solidez da inteligência, que é de todas as coisas principal.¹³

Provavelmente essa preocupação que Couto tinha em cuidar do seu corpo com o objetivo de prevenir doenças provinha da teoria hipocrática. As terapêuticas e os meios utilizados pelos médicos hipocráticos para restabelecer a saúde, tendo como foco principal o regime alimentar, ia ao encontro de uma medicina higiênica usada não só como medida curativa, mas também como medida de prevenção e de conservação do estado “normal” das atividades corporais.

Couto de Magalhães sofria constantemente de “excitações nervosas” que lhe provocavam certa preocupação, com o objetivo de preveni-las, realizava observações

¹¹ Idem: 87.

¹² Idem: 97 e 98.

¹³ Idem: 96.

diariamente de suas fezes, pois acreditava que de acordo com a sua coloração poderia precaver-se de um ataque nervoso posterior: “Notei hoje que havia hemorróidas e que as evacuações alvinas eram avermelhadas; observarei de agora em diante se a excitação nervosa é sempre precedida desse fenômeno”¹⁴. Caso verificasse que “as evacuações alvinas avermelhadas” pudessem de alguma forma ocasionar a “excitação nervosa” ele poderia alterar a dieta alimentar para evitar a sua ocorrência, já que no texto *Sobre a Natureza do Homem* e em outros que constituem o *Corpus Hippocraticum* a saúde e a doença estariam relacionadas à alimentação, e esta contribuiria para a composição dos humores. Assim, de acordo com Galeno, as crises nervosas em um indivíduo eram provocadas por um temperamento quente, dessa forma, era necessário alterar o regime alimentar, introduzindo alimentos “frios” – teoria da cura pelos contrários – para restabelecer o equilíbrio do corpo.

Um dos alimentos que tem o seu uso recorrente no registro das dietas alimentares realizadas por Couto é a poaia, como pode ser evidenciado nos trechos seguintes: “Apliquei poaia, dieta e melhorei”¹⁵, “Às 8h03 da manhã tomei quatro grãos poaia por estar com a língua amarela e por ter estado ontem com o estômago mui cheio de gases, e ameaçado de cólica”¹⁶, e “Depois do jantar senti ameaças de cólicas; às oito e meia tomei um grão de poaia, que me fez expelir gases; dormi e sonhei sonhos indiferentes.”¹⁷

A poaia é uma erva com propriedades fitoterápicas que foi amplamente usado no Brasil e a Europa. Seu uso era recomendado em casos de diarréias, bem como para induzir ao vômito, como pode ser observado na definição do *Vocabulario Portuguez & Latino*:

IPECACUANHA. Celebre planta da America, & hoje muy conhecida na Europa, pella sua notável efficacia contra as dysenterias & affectos do citomago. Tem raiz delgada, torcida, fibrosa, com muytos nós, de côr fusca, de sabor acre, & amargoso. Lança hum talo redondinho, & cinzento, parte do qual se levanta com sette, ou outo folhas em cima, & outra se abaixa, & rastejando cria outras raízes. [...] He esta erva amiga dos lugares silvestres, humidos, & sombrios, & transplantada em hortas, ou campos cultivados, não medra [cresce]. [...] Aindaque a Ipecacuanha seja hum dos mais soberanos remédios para camaras de sangue [evacuação intestinal com sangue], não he certo; quando despois de o ter tomado em pó três vezes, o doente não se acha aliviado, he necessário deixá-lo e apelar para outro. Sinal, de que há de obrar [defecar] bem, he o vomito; em alguns doentes, ainda que não vomitem, produz o seu effeito, purgando-os primeiro por baixo. A Ipecacuanha he purgativa & astringente, Purgativa, pella sua parte mais issolúvel; & assi purga com vômitos, & camaras; astringente, pella sua parte terrestre; & assi aperta, & fortalece todas as fibras das entranhas”¹⁸.

¹⁴ Idem: 93.

¹⁵ Idem: 57.

¹⁶ Idem: 77.

¹⁷ Idem: 80.

¹⁸ BLUTEAU, Raphael. Ipecacuanha. In: _____. *Vocabulario Portuguez & Latino*. Coimbra: 1712 – 1728.

Conforme o trecho acima retirado do dicionário Bluteau - datado da primeira metade do século XVIII, e permanece ainda no final do século XIX - podemos perceber a importância farmacológica da poaia. Neste período, pode ser constatada a presença da poaia enquanto medicamento apreciado pelas propriedades terapêuticas que proporcionavam alívio a diversos males que atacavam, por exemplo, os pulmões (devido ao efeito expectorante da infusão de suas raízes). José Vieira possivelmente fazia uso da poaia para prevenir-se contra as doenças respiratórias - como a bronquite – pelo fato delas, conforme a teoria humoral, fomentarem a debilidade do funcionamento das atividades corporais. Então, Couto acreditava ser necessário, “[...] precaver-se contra as bronquites, que, sendo um elemento de fraqueza, além do desconforto que traz, produz necessariamente a prostração” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 96).

Os princípios farmacológicos da poaia como, a emetina e a cefalina, conferem à planta um poder emético e amebicida, tornando-a adequada no tratamento de bronquite e desinteria amebiana, doença parasitária provocada por um microrganismo denominado *Entamoeba histolytica*. Além disso, a poaia, também era muito usada para estimular o suor, o que mostra o seu uso sintonizado com a teoria dos humores da medicina hipocrática. O general provavelmente fazia uso da Ipecacuanha Branca (*Solea Campestris*) para combater as doenças de pele, por causa do seu poder depurativo (HENRIQUE, 2009). Além disso, usava de outras espécies da poaia para combater disenterias, diarreias e catarros.

Outro produto medicamentoso usado por Couto de Magalhães era a *nux vomica* (*Strychnos nux vomica*) também conhecida como *noz vômica*, *noz vomitória* ou *fava- de santo – inácio* é uma planta medicinal da família das Loganiaceae, originária da Índia, que tem como princípios ativos alcalóides (estricnina, brucina, vomícida, colubrina). Era um convulsionante utilizado na clínica homeopática em baixas doses para auxiliar na digestão e estimular os músculos. Por causa de um princípio ativo da *nux vômica*, mais especificamente a estricnina, o manuseio da planta exige muito cuidado, tendo que ser consumida em poucas doses, pois se usado em grande quantidade pode ocasionar morte por envenenamento devido à paralisação do centro respiratório do cérebro.

Chernoviz indica que um dos efeitos da *nux vomica* é provocar a “ereção do membro viril” (1878, p.481). Dessa forma, o uso feito por Couto de Magalhães desse produto decorre provavelmente de sua preocupação com órgãos sexuais, pois ao longo do diário se mostra atento ao registro de suas ereções ou ausência delas. A autora Mary Del Priore (2011)

esclarece que a impotência sexual era vista desde o Brasil colônia com maus olhos, “era considerada verdadeira maldição. Desde sempre, ela promoveu profundo sofrimento, quando não situações de humilhação entre os homens” (PRIORE, 2011, p. 36). Para Couto de Magalhães, um homem narcisista, cogitar a possibilidade de ficar impotente provavelmente já lhe causava preocupação, pois a impotência representaria sinal de fraqueza, algo inadmissível para um homem que considerava-se um grande herói nacional, por isso, era necessário ficar atento ao bom funcionamento do seu órgão sexual.

No registro intimista e cotidiano de Couto, a questão do controle do corpo, é uma das temáticas mais recorrentes do diário, nele, é possível observar a importância que o general atribuía às atividades físicas, principalmente no tocante ao aspecto da contribuição destas para a formação de bons hábitos, tidos como essenciais, para essa personalidade, na conservação da saúde do corpo: “O robusto e de boa saúde não se deve sujeitar a nenhum regime. Faça exercício em terra e no mar, habite preferencialmente o campo; a ociosidade debilita o corpo e o trabalho o fortifica. Aquela faz envelhecer mais depressa; este prolonga a juventude” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 219).

A preocupação de Couto em cultivar bons hábitos provinha de uma educação rígida recebida ainda em sua infância no Seminário Caraça em Mariana – colégio conhecido no período oitocentista por seu rigoroso sistema de ensino - e mais tarde, pelo seu ingresso na carreira militar o que lhe conferiu um apreço maior pela prática dos exercícios físicos.

Outro ponto registrado frequentemente no escrito autobiográfico de Couto de Magalhães que está intrinsecamente ligado a um ideal de vida saudável que ele obsessivamente almejava, é o clima. Acreditando que este, influenciava diretamente em seu temperamento e nos seus humores realizava constantes anotações a respeito do clima na tentativa de exercer um maior controle sobre seu corpo. Em vários momentos pode ser percebido a preocupação de Couto em registrar a temperatura do dia, do clima e da sensação climática como pode ser visualizado nas anotações dos dias 02 de setembro, 25 de setembro, 18 de setembro do ano 1880, respectivamente: “A temperatura hoje esteve elevada a 78 graus [°F], o que é calor em Londres”¹⁹; “Passei hoje um dia mui agradável – o sol estava brilhante, a temperatura quente, o João apareceu às dez e meia e às onze seguimos para o Jardim Zoológico”²⁰; e “Há alguns dias que tem estado constante, digo, mui comumente, chovendo

¹⁹ Idem: 100.

²⁰ Idem: 115.

A temperatura baixou alguns graus”²¹. Estes são alguns dos fragmentos, dos inúmeros registros que Couto faziam cotidianamente do clima em seu diário.

José Vieira refletia qual seria o melhor lugar para passar a velhice. A escolha do lugar para passar os últimos momentos da sua vida dependeria do clima que, de acordo com ele, definiria a salubridade do lugar. Assim, pensar onde passar os últimos dias de sua vida era refletir qual seria o local com menor propensão de pegar algum tipo de enfermidade, dessa forma, era uma tentativa de conseguir um corpo mais saudável, mas não só isso, significava também uma forma de tentar encontrar equilíbrio na sua vida pessoal que lhe garantisse paz de espírito em período tão difícil de uma vida, a velhice.

Ao analisar o clima e o lugar onde poderia futuramente “razoavelmente viver?”²², Couto explana quando encontrava-se em Londres, como desagradável parecia ser a idéia de viver os seus últimos dias no Rio de Janeiro: “O calor e a porcária do Rio de Janeiro são realmente desanimadores. Viver no Rio quer dizer: ter a vida mais curta e muito mais cheia de moléstias do que em lugar mais salubre”²³.

Ironicamente, o lugar que Couto considerava “desanimador” para passar os últimos momentos de uma vida – o Rio de Janeiro - foi o lugar que veio a falecer. Em 1889, Couto de Magalhães descobriu que tinha a sífilis. Um ano mais tarde, foi internado no Sanatório dos Ingleses, em São Paulo, diagnosticado com uma crise nervosa, mas, possivelmente esse quadro já era uma manifestação dos sintomas da doença. No intuito de tratar a doença ele viajou para a Europa, mas morreu no Rio de Janeiro, em 1898, em conseqüência do agravamento no seu quadro clínico devido às sífilis. Tinha então, 61 anos de idade. (HENRIQUE, 2008).

Viver em um mundo sombrio povoado de enfermidades era um pesadelo que atormentava Couto. Devido a este fato, não era raro, a manifestação de constates “ataques de nervos” nessa personagem, causados provavelmente devido a fenômenos eminentemente psíquicos. Couto queixava-se de insônia, terrores vagos e ansiedades, melancolia, fatos estes, que o auxiliou no reconhecimento de que sofria de “ataques hipocondríacos”.

Couto de Magalhães tinha mudança de humor constantemente, ia do céu ao inferno em poucos segundos, ora estava vislumbrando um dia esplêndido minutos depois já estava queixando-se de ataques hipocondríacos: “**Friday 10th setembro 1880**. Dia esplêndido, temperatura 70° [°F]. Fiz um pequeno passeio de manhã a Portland Place [...]. Excitado

²¹ Idem: 108.

²² Idem: 127.

²³ Idem: 126.

provavelmente pelo cansaço, tive um leve ataque de hipocondria” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p.104). Ou ainda como pode ser visto em outro momento do diário: “**Friday 27th August 1880.** Amanheci alegre e de boa saúde, digeri bem, ***, pupé, mas tarde, depois do jantar, estava cismático, naquele estado de excitação particular a que se chama nervos.”²⁴

Couto de Magalhães reconhecia que muitas moléstias que acreditava lhe afligir era hipocondria, como pode ser visto no seguinte fragmento registrado no dia 22 de agosto de 1881: “[a] minha cachexia é, pois, uma hipocondria - mas como a última é apenas o ementário onde se joga tudo quanto é ignorância, o dizer que ela existe nada adianta”.²⁵ A expressão *cachexia* usada por Couto de Magalhães é definida por Chernoviz no *Dicionário de Medicina Popular* como um:

estado morbido que se observa nos indivíduos exaustos, sobretudo depois de longas moléstias e quase sempre é o presagio de morte. É caracterizada pela pallidez amarellada da pelle, languidez de todas as fuções que faz sobresahir as saliências das eminencias ósseas; edema dos membros inferiores; perda do appetite acompanhada de vomitos e diarrheia; suores frios ou, o contrario, secra da pelle; diminuição das secceções nasaes, salivares e urinarias; emfim, no ultimo periodo, pertubações intellectuaes que precedem a agonia (CHERNOVIZ, 1878, 391).

A cachexia caracterizava-se como um estado físico deprimente na vida do indivíduo. Por causa da demora da cura das enfermidades ela poderia acarretar perturbações mentais. Mesmo o general reconhecendo que sua cachexia era uma hipocondria e que dessa forma não tinha nenhuma moléstia física propriamente dita²⁶, Couto apresentava-se em seu relato autobiográfico como um homem permeado pelo medo de adoecer o que lhe ocasionava uma constante tormenta mental. Reconhecer sua hipocondria era uma tentativa de dissipar o fantasma mental de ser afligido por algum mal doentio. Mas, se o reconhecimento da hipocondria poderia lhe trazer uma sensação de conforto momentâneo, o mesmo não abolia o medo de encontrar-se no estado de “ser doente”, por isso seus ataques hipocondríacos são uma constante no seu diário íntimo.

Narrar suas próprias mazelas “reais” ou imaginárias” podem ser vistas no registro autobiográfico de Couto de Magalhães como processos de cura. Escrever sobre suas dores, rememorando-as é trazê-las ao nível da consciência, é uma forma de conseguir efetivar um “controle maior de si mesmo”. Assim, a “[...] a narrativa é capaz, até mesmo de curar” (VAZ, 2001, p.59). Contudo, estimulado desde a infância – tão próprio dos indivíduos de sua época -

²⁴ Idem: 93.

²⁵ Idem: 89.

²⁶ No seu diário Couto não descreve nenhum sintoma que pudesse supor que ele sofria de uma doença física grave.

em responder a essa petição de saber-poder sobre seu próprio corpo, que essa própria vontade de tudo conhecer e controlar em si tenha se tornado maior do qualquer “cura” eventual que Couto possa ter conseguido. Dessa forma, talvez sua enfermidade maior consistia em conceber a si próprio como portador de todas as doenças do mundo (HENRIQUE, 2009).

O ato de analisar a estrutura corporal é um convite para se pensar também a própria organização da sociedade, pois como afirma José Carlos Rodrigues, “no corpo está simbolicamente impressa a estrutura social” (2006, p.113). Nesse sentido, ao examinar o diário íntimo de Couto de Magalhães tendo como foco principal o estudo das práticas de manutenção corporal, percebemos que o pilar maior de sustentação para que essa personalidade realizasse o “exame de si mesmo” encontrava-se na teoria hipocrática. Esta era usada como mecanismo que tinha como funcionalidade reforçar uma determinada ordem social que caminhava rumo a uma economia das pulsões em prol de um ideal de moderação.

A luta de Couto de Magalhães para encontrar um ideal de moderação - influenciado principalmente nos preceitos da medicina hipocrática – pode ser interpretado como uma batalha perdida. O tão almejado sonho de conseguir o ideal de equilíbrio o levou a prática compulsiva do “cuidado de si mesmo”, não conseguiu controlar a petição de saber poder sobre o próprio corpo. Assim, o que era para ser uma busca pela moderação, que lhe garantisse uma vida física e espiritual sã, tornou-se, dessa forma, uma prática obsessiva.

Referência Bibliográfica

BLUTEAU, Raphael. Ipecacuanha. In: _____. Vocabulário Portuguez & Latino. Coimbra: 1712 – 1728. Disponível em: < <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp> >. Acesso em: 20 de fevereiro de 2012.

CARVALHO, A *medicina em História: a medicina hipocrática*. In: Revista Saúde Menta, vol. IV, nº1 janeiro/fevereiro, 2002. Disponível em: http://www.saude-mental.net/pdf/vol4_rev1_leituras2.pdf. Acesso em: 01 de fevereiro de 2012.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das ciencias accessorias*. Paris, 1878, vol 2.

FAURE, Olivier. Olhar dos médicos. In: *História do Corpo. Da Revolução à Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

GAY, Peter. O traço comum. *O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 337-376.

HENRIQUE, Márcio Couto. *Um toque de Voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

HIPÓCRATES. *Conhecer, cuidar, amar: o juramento e outros textos*. São Paulo: Landy, 2002.

LIMA, Tânia Andrade. *Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX*. In: Revista: Manguinhos, vol. II, nov. 1995 – fev 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701996000400004. Acesso em: 14 de janeiro de 2012.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Diário Íntimo*. Organização de Maria Helena P. T. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PRIORE, Mary Del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro. Editora: FIOCRUZ, 2006.

SANTA'ANNA, Denise Bernuzzi. *Corpo e História. Como é possível realizar uma História do Corpo?*. Carmen Lúcia Soares (organizadora). Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.

VAZ, Alexandre Fernandez. *Memória e Progresso. Sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin*. In: *Corpo e História*. Carmen Lúcia Soares (organizadora). Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.